

DISCURSO DA PRESIDENTE DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA NA SESSÃO DE ABERTURA

Professora Cristina Loureiro

Sejam muito bem-vindos a este singelo, porém, simbólico evento que organizamos para iniciar as comemorações da construção deste edifício.

Escolhemos esta forma simples para marcar o nosso enorme apreço por esta casa carregada de história e de memórias, tão apreciada por aqueles que cá vivem como por aqueles que nos visitam.

Para falar do edifício, das várias dimensões da sua história e do que ele representa, teremos o professor Nuno Martins Ferreira que abraçou este interesse pelas memórias da ESE desde que veio trabalhar connosco. Obrigada, Nuno, por seres o motor da preservação desta memória.

Agradeço também ao grupo de trabalho que integra o projeto *Memória e Identidade: Investigação e Salvaguarda do património histórico da Escola Superior de Educação de Lisboa* que há alguns anos tem vindo a preservar e a organizar materiais de interesse museológico que com o edifício herdámos.

Às professoras Mercês Sousa Ramos, Laurence Wohlgemuth, Ana Almeida e Ana Teodoro, aos professores Rui Covelo, António Melo, Paulo Maurício e a monitora Sofia Rodrigues, aos alunos que com eles têm trabalhado, obrigados.

Felizmente que sobre o passado temos quem cuide dele. Ligo, assim, este agradecimento público pelo trabalho já realizado a um olhar para o futuro. Decidi nesta intervenção olhar para o futuro ancorando as minhas reflexões no passado e apresentando algumas intenções que formulei sob a forma de três desejos.

Quem se recorda em criança da história dos três desejos sabe como ela é perigosa. Os desejos têm de ser bem pensados, sem equívocos, para não termos de usar um desejo para emendar outro desejo mal formulado. Quando se tem a possibilidade de formular apenas três desejos, seria uma pena gastar algum desejo sem efeito.

1.º DESEJO

A construção deste edifício iniciou-se em 10 de dezembro de 1916, tendo a sua utilização começado em 1919, com o início das aulas. Em plena 1.ª guerra mundial.

Este edifício e as escolas anexas precisam de uma intervenção de conservação significativa. O nosso desejo é que em 2019 tenhamos um edifício renovado. Para concretizar essa intervenção, precisamos de grande empenhamento do IPL. Felizmente não precisamos de qualquer apoio financeiro. Peço-lhe por isso publicamente, Sr. Presidente do IPL, que assumas connosco o interesse nesta obra e que tome esta iniciativa também como sua. O que lhe pedimos é o empenhamento e a energia dos serviços centrais do IPL na concretização desta intervenção.

2.º DESEJO

Em 1916, no primeiro quartel do século 20, viveu-se um tempo muito rico do ponto de vista das novas ideias pedagógicas. É nesta época que o movimento, que se designa por Escola Nova, ou também por Escola Ativa ou Escola Progressista, ganha força ao nível das ideias. A este movimento estão associados nomes de grande relevância cujas ideias ainda hoje são apenas intenções: Claparède, Decroly, Freinet, Montessori, Binet, Kerchens-teiner, Dewey e Hall, os portugueses Faria de Vasconcelos e Adolfo Lima, entre muitos outros.

Os interesses dos alunos, a diferenciação, a utilização de métodos ativos, a metodologia de projeto, a construção da teoria a partir da prática, o desenvolvimento de competências para que aqueles que aprendem se tornem cidadãos ativos, autónomos, criativos e responsáveis, são as principais ideias que floresceram nessa época.

Há quem afirme que as primeiras décadas do século XX trazem uma reflexão profunda sobre o novo sentido da escola, os conteúdos do ensino, o novo papel dos professores e as metodologias mais adequadas para atingir os destinatários.

Como já disse, muitas destas ideias ainda hoje são apenas intenções. É a promessa de uma escola promotora do desenvolvimento individual e social que estas ideias nos traziam ainda está por concretizar.

Nos últimos anos, na ESE, fizemos uma viragem da nossa oferta formativa, desenvolvendo as dimensões de educação artística, de educação social e das áreas de educação não formal como a animação e a mediação. Desejo que a viragem que estamos a fazer se consolide. Desejo que estas novas dimensões da educação, no sentido mais amplo e alargado, nos ajudem a concretizar as ideias pedagógicas da Escola Nova do início do século XX, associadas agora aos desafios do século XXI.

A educação não pode desenvolver-se sem as Artes. Como escola de Educação de referência, temos obrigação de trabalhar nesse sentido. E por

isso este desejo regista a vontade de mudar o nome da nossa escola para Escola Superior de Educação e Artes.

Dois desejos sem equívocos.

3.º DESEJO

Em 1916 o IPL não existia. Tínhamos a Escola Normal de Lisboa, o Instituto Industrial de Lisboa, o Instituto Comercial, o Conservatório Geral de Artes Dramáticas. As escolas de Comunicação Social e de Tecnologias da Saúde não eram ainda sequer projetos de intenção.

Em 1986 passamos a ter o Instituto Politécnico de Lisboa, o qual progressivamente foi ganhando consistência. No seu seio foi criada a Escola Superior de Comunicação Social em 1987 e em 2004 é integrada a última das suas escolas, a de Tecnologias da Saúde, ficando o IPL com a constituição que hoje tem.

No entanto, e apesar das regulações de unidade que as legislações recentes têm imposto, muitas vezes mais na palavra do que nos atos, o IPL é ainda uma instituição fragmentada.

Penso que devemos reconhecer que têm sido feitos alguns esforços para combater essa fragmentação, alguns partindo da direção do IPL, mas também muitas vezes partindo das suas unidades orgânicas. Não é este o lugar para refletir sobre o que de bom e de mau se tem feito. Porém, considero que é um bom momento para destacar esta intenção de unidade institucional. Considero especialmente relevante que esta preocupação se reforce a partir da Escola Superior de Educação.

Assim, como eu disse há pouco que a nossa capacidade de renovação da Educação depende da saída da Educação Formal, como temos vindo a fazer na nossa escola, considero também que a capacidade de o IPL se unificar tem de partir da capacidade de as suas unidades orgânicas construir ligações entre si e encontrarem novos núcleos de ação.

A unidade institucional está ligada a uma nova identidade do IPL. Desejo que o IPL, com a força que tem nas suas oito unidades orgânicas, consiga construir uma nova identidade. Não falo da identidade que pode advir de um novo estatuto de ensino superior. Falo do que podemos fazer com as ideias, as pessoas e as energias que temos no seio do IPL.

Vamos trabalhar para concretizar estes três desejos.

Um edifício da ESE renovado,

Uma escola de Educação e Artes,

Um Instituto Politécnico com uma nova identidade.

Tenho a certeza de que essa concretização está nas nossas mãos. Cá nos encontraremos em 2019 para ver o que fizemos por estes três desejos. Em nome da próxima ou próximo presidente da ESE convido-vos deste já para esse evento. Por agora apreciemos em conjunto o melhor possível este momento de recordações e memórias. Obrigada por terem vindo.

UM SÍMBOLO DA VONTADE REPUBLICANA DE REFORMAR O ENSINO NORMAL: O EDIFÍCIO DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA

Carlos Manique da Silva

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

cjsilva@ie.ul.pt

1. INTRODUÇÃO

Durante o período da I República o esforço reformador na área da educação procurou situar-se numa dinâmica de rutura face aos últimos anos de Monarquia. Mas, como notou António Nóvoa (1989), trata-se de uma reação / oposição que não se funda, essencialmente, numa questão pedagógica. De facto, o olhar niilista para o passado monárquico – o “espírito de presente” orientado para um “horizonte de expectativa”, para adotarmos as expressões de Justino Magalhães (2012, p. 11) – prende-se com a ideia de que a República só seria possível “através de uma outra educação, pois as instituições revolucionárias não podem constituir-se a partir de um sistema escolar do passado” (Nóvoa, 1989, p. X). Não obstante o diagnóstico que foi feito da situação educacional portuguesa, sem esquecer a constituição de um corpo legislativo contemplando todos os setores de ensino (tenha-se em conta que no ano de 1911 são publicadas mais de três dezenas de diplomas legais), a verdade é que os republicanos não perceberam que os sistemas educativos mudam a um ritmo muito lento (Idem). Com efeito, a via reformista adotada – a de apostar em medidas fortes e pontuais – não gerou mudanças fundamentais e, exatamente, pelo facto de não ter criado as condições que permitissem “uma evolução tendencial num sentido positivo” (Idem, p. XIII).

Uma das prioridades dos republicanos, assumida desde a primeira hora, foi a reforma do ensino normal (Nóvoa, 1989). De resto, o ensino normal conhece uma fase de apogeu durante a I República, justamente pela importância que é concedida à formação de professores do ensino primário – considerados agentes imprescindíveis na construção do designado Homem Novo (Pintassilgo, Mogarro & Henriques, 2010). Sem